ISSN: 2358-8829

DIÁLOGOS ENTRE A PEDAGOGIA CRÍTICA DE PAULO FREIRE E A PSICANÁLISE DE SIGMUND FREUD

Elaine Da Silva Pereira [1]

INTRODUÇÃO

Vivemos uma era de saturação sonora e profunda surdez: nunca se produziu tanto ruído e nunca se escutou tão pouco. A palavra tornou-se mercadoria; o encontro com o outro, prometido pelas telas, frequentemente entrega isolamento. Neste cenário de crise civilizatória, sofrimento psíquico epidêmico, erosão dos laços sociais, exaustão docente, aprendizagens empobrecidas, a pergunta é urgente: que ferramentas podem nos ajudar a reaprender a escutar?

Este ensaio propõe um diálogo entre Freud e Freire, pensadores cujas obras, gestadas em contextos periféricos e marcadas pela exclusão, oferecem respostas complementares. Freud, judeu vienense sob o antissemitismo, construiu a psicanálise a partir do que a medicina descartava como inexplicável. Aprendera com Charcot que o fenômeno tem algo a dizer para além da teoria, que o erro está nos conceitos, não na realidade rebelde. Nasce assim uma disciplina que faz da escuta flutuante seu instrumento fundamental.

Freire, pernambucano que conheceu a fome e o silêncio impostos, desenvolveu uma teoria do conhecimento radicalmente dialógica. Para ele, ensinar não é transferir saber, mas criar possibilidades para sua produção; escutar não é concessão, mas condição ontológica do ato educativo. Sua pedagogia denunciou a "cultura do silêncio": interdição sistemática da palavra dos oprimidos, que introjetam a voz do opressor e permanecem subjetivamente constituídos por ela.

Entre a Viena fin-de-siècle e o Recife dos anos 1960 há duas experiências periféricas: a do intelectual judeu marginal à ciência oficial no centro geográfico da Europa; a do educador brasileiro que, da periferia do capitalismo, produziu teoria universal a partir da experiência concreta dos empobrecidos. Ambos pensaram a

[1] Mestranda do Curso de Educação da Universidade Europea do Atlântico - UNEATLANTICO, esp788@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

contrapelo: Freud escutando o que a medicina não queria ouvir; Freire dando voz a quem a política não queria escutar.

A hipótese central é que a escuta qualificada, eixo articulador do diálogo Freire-Freud, constitui práxis de resistência à barbárie contemporânea. Longe de técnica pedagógica ou habilidade terapêutica, a escuta configura-se como: a) ato político de libertação, ao reconhecer no outra autoridade para dizer sua palavra e inscrever sua narrativa na história; b) gesto ético de reconhecimento, ao acolher a singularidade do sujeito, inclusive seu inconsciente e sofrimento; c) prática amorosa, na acepção freiriana radical e não sentimentalista; d) operador terapêutico informal capaz de produzir elaboração subjetiva fora do setting clínico; e) antídoto à lógica neoliberal, que instrumentaliza o conhecimento, precariza a docência e esvazia a educação de sua dimensão humanizadora.

Construir esta interface exige rigor epistemológico. Não se trata de fundir psicanálise e pedagogia, operação que enfraqueceria ambos os campos. Freud não foi educador e não legou teoria pedagógica sistemática; Freire não foi psicanalista e sua obra não incorpora os mecanismos inconscientes em sua especificidade. Propomos um diálogo tenso e produtivo, que reconheça convergências sem apagar diferenças, extraia consequências educativas da psicanálise sem transformar o professor em analista, acolha a contribuição freudiana sobre afetos e resistências sem subordinar o projeto político freiriano a uma leitura psicologizante.

O trabalho estrutura-se em quatro movimentos: 1) contextualização biográfica e intelectual de ambos os autores, com ênfase na posição periférica e na exclusão como matriz teórica; 2) exame das aproximações e tensões entre suas concepções de sujeito, cultura, educação e transformação social, tendo o par opressão/repressão como operador analítico; 3) desenvolvimento da escuta qualificada como práxis de interface, articulando atenção flutuante freudiana, dialogicidade freiriana e contribuições de Winnicott, Safatle e Alicia Fernández; 4) análise de duas experiências educativas concretas, projeto "Vozes da Comunidade" e roda de conversa com educadores, que ilustram aplicabilidades e limites da proposta.

Esperamos demonstrar a fecundidade do diálogo Freire-Freud para os impasses educativos do presente e, sobretudo, a urgência de uma práxis pedagógica centrada na

escuta. Em tempos de ódio fácil e diálogos impossíveis, de algoritmos que nos confirmam em bolhas e de discursos que mais ferem que comunicam reaprender a escutar, com paciência, rigor, amorosidade e coragem, talvez seja a mais radical das tarefas políticas. Escutar, como ensinaram ambos, não é passividade: é disponibilidade para ser afetado pelo outro em sua alteridade radical. É recusa da onipotência narcísica que pretende já saber o que o outro dirá. É, enfim, condição indispensável para qualquer transformação verdadeira, dos sujeitos, das salas de aula, das instituições, do mundo.

Quem foi Sigmund Freud?

Um intelectual ateu, materialista, liberal e proveniente de uma comunidade feita para ser excluída, no meio de um espaço onde se reforça o antissemitismo que vai gerar o nazismo, em uma periferia central, Freud era um periférico do centro. A produção científica de um pensador que viveu em processo de aceleração tecnológica baseada no fascínio pela mercadoria. Freud começa seu curso de medicina e teve acesso a um professor que desenvolvia uma medicina racional, objetivando desencantar o mundo e racionalizar o universo científico: Ernst Wilhelm von Brücke.

Devido à impossibilidade de pagamento, Freud é “expulso” do seu paraíso científico. Ainda assim, Brücke consegue uma bolsa de estudos para Freud com Jean-Martin Charcot, que estava estudando uma epidemia de Histeria no século XIX. Com a análise dos estudos de Charcot, Freud percebe que O fenômeno existia e a teoria não conseguia explica-lo, o erro é direcionado à teoria, para o psicanalista – em nascimento – o fenômeno tinha algo a dizer para além da medicina: nasce a ponte à psicanálise.

Então nasceu a psicanálise: Charcot abre uma porta: A diferença fundamental entre a dor fisiológica e a dor projetada psicologicamente; Freud retorna à Viena com a ideia de que o corpo, fisiológico, possui uma ligação intrínseca com a palavra, baseada em um Setting Social que permitirão o nascimento da psicanálise a posteriori.

Relação Oprimido-Opressor para Freud e Freire

Por que pensar a psicanálise como ferramenta para a educação?

> Pode ser educador somente quem é capaz de desenvolver empatia pela alma infantil, e nós adultos, não compreendemos as crianças, pois não mais compreendemos nossa própria infância [...] Quando os educadores tiverem se familiarizado com os resultados da psicanálise, acharão mais fácil admitir certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o perigo de superestimar impulsos instintuais socialmente inúteis ou perversos que surgem nas crianças, eles se absterão da tentativa de suprimir violentamente esses impulsos, ao saber que tais esforços frequentemente produzem efeitos não menos indesejáveis do que a indulgência com o mau comportamento infantil, tão temida na educação.
>
> FREUD, 2012, p. 161

Uma distinção importante

Psicanálise como base	Psicanálise como ferramenta
Uma distinção importante Psicanálise como ferramenta Se constitui como uma interpretação da educação a partir das concepções psicanalíticas, como Freud fez no texto em que analisa o uso da psicanálise nas escolas.	Apropriação da psicanálise como um recurso prático para o desenvolvimento de uma escuta funcional, inspirando práticas pedagógicas, alterando a postura do educador e tornando a psicanálise uma estratégia educativa.

Se há uma dependência emocional entre os integrantes, a identificação entre o oprimido e o opressor é fundamental para manter o funcionamento escolar Tradicional. Assim, Freire relaciona a relação opressor e oprimido com a concepção de relação sadomasoquista.

Uma coerência teórica

Freud - Em Totem e Tabu (1913) aponta para o papel da disciplina na constituição do sujeito: O homem, dotado naturalmente pelos instintos, torna-se homem quando permeado pela disciplina cultural.

A educação, para Freud, Seria a ferramenta essencial para levar o sujeito do Princípio do Prazer, ao Princípio da Realidade. “Tem o papel de impedir a expressão de

tendências pulsionais espontâneas sendo, assim, essencial para a ação socializante" (BARRETO, 2015, p. 163). No processo educacional a criança teria um espaço para adquirir forças psíquicas para limitar as pulsões sexuais, direcionando seu fluxo para o pudor, aspirações morais estéticas e afins. Por isso, existe uma importância fundamental no processo de inibição e proibição na educação – não suficiente para gerar submissão ou adoecimento, mas suficiente para não constituir um sujeito narcísico.

Freire - Essa cultura seria responsável pela opressão, principalmente em culturas colonizadoras, em Pedagogia do Oprimido (1970): Na medida em que introjetam a visão da opressão, os oprimidos tendem a responder à dualidade em que se encontram.

A invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo enquanto freiam sua criatividade e inibem sua expansão.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, baseado na análise bibliográfica das obras fundamentais de Paulo Freire e Sigmund Freud, com foco nos conceitos de diálogo, amorosidade, liberdade, inconsciente, transferência e atenção flutuante. As obras foram selecionadas por sua centralidade nos respectivo corpus teórico e por oferecerem conceitos operativos para a construção da escuta como categoria de interface. Reconhece-se o limite de que Freud não produziu uma teoria pedagógica sistemática; trata-se, portanto, de uma leitura transversal que extrai consequências educativas do pensamento psicanalítico. A metodologia consiste na análise conceitual comparativa, identificando convergências e complementaridades entre os dois campos do saber, com apoio de autores contemporâneos que já realizam essa interface (Roudinesco, Safatle, Alicia Fernández). Além da fundamentação teórica, o trabalho recorre à ilustração prática por meio da descrição analítica de dois casos emblemáticos, extraídos de experiências pedagógicas reais, submetidos à análise de conteúdo temática para identificação de categorias emergentes relacionadas à escuta, ao vínculo e à transformação subjetiva. Estes casos funcionam como "experiências de pensamento" que demonstram a aplicabilidade da interface Freire-Freud em contextos educativos escolares.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise teórica revelou uma profunda convergência entre Freire e Freud em três dimensões fundamentais, potencializadas pela prática da escuta ampliada:

1. Sujeito e Subjetividade

A psicanálise complementa o projeto freiriano ao iluminar a dimensão inconsciente do psiquismo. Enquanto Freire propõe a conscientização crítica, Freud revela os mecanismos inconscientes, as resistências e os afetos ambivalentes que a permeiam. A escuta psicanalítica (atenção flutuante) permite acolher esses elementos, enriquecendo a compreensão do sujeito aprendiz em sua complexidade. Tanto em Freire quanto em Freud, o sujeito é concebido como radicalmente *incompleto*: para o primeiro, a inconclusão é condição ontológica da educação; para o segundo, a falta é estruturante do desejo. Essa convergência permite compreender as resistências à conscientização não apenas como obstáculos ideológicos, mas como defesas psíquicas diante do desconhecido. A aproximação com a concepção lacaniana do *inconsciente estruturado como linguagem* fortalece o diálogo com a noção freiriana de palavra mundo: é na e pela palavra que sujeito e mundo se constituem mutuamente. A escuta que acolhe tais resistências sem julgamento oferece ao educador ferramentas para lidar com a ambivalência afetiva que atravessa todo aprendizado significativo.

2. A Relação Pedagógica como Espaço Dialógico e Transferencial

A crítica de Freire à "educação bancária" encontra eco na noção psicanalítica de transferência. A relação professor-aluno é reconhecida como vínculo carregado de afeto, onde se projetam experiências passadas. Uma escuta informada por essa percepção permite ao educador decifrar sintomas (como agressividade ou apatia) como mensagens de sofrimento, e não como meras faltas, e administrar a relação sem respostas pessoais excessivas, focando no ato educativo. É crucial, contudo, marcar a distinção: se a transferência é, na psicanálise, instrumento técnico de tratamento, na educação ela comparece como fenômeno espontâneo que deve ser reconhecido, mas não interpretado.

O educador não é analista dos alunos. A escuta transferencialmente informada implica, antes, uma posição ética inspirada no que Winnicott denominou sustentação (holding): acolher a agressividade ou a apatia como mensagens, sem retaliação nem abandono, sustentando o lugar de quem ensina. O "professor suficientemente bom" é

aquele que sustenta a frustração sem desamparar, oferecendo presença consistente que permite ao aluno experimentar-se. Esta é a delicada fronteira entre a psicanálise na educação e a psicanálise da educação, que recusa tanto a psicologização redutora quanto a recusa ingênua dos afetos que atravessam a cena pedagógica.

3. Transformação Social e Emancipação

O compromisso freiriano com a transformação das estruturas opressoras é fortalecido pela contribuição freudiana. A escuta que acolhe o inconsciente individual e o diálogo que problematiza o mundo social encontram na sublimação, canalização das pulsões para atividades culturalmente valorizadas, a base psíquica para o aprendizado cultural e o engajamento político. O prazer em conhecer, em criar, em transformar o mundo não é exterior ao desejo, mas sua expressão mais sofisticada. A sublimação oferece, assim, a sustentação pulsional para o que Freire denominou curiosidade epistemológica. O diálogo verdadeiro freiriano, por sua vez, fornece a metodologia para a ação política coletiva. Se Freud foi cético quanto às possibilidades de felicidade plena na civilização, Freire apostou na esperança crítica como categoria pedagógica. Longe de inconciliáveis, esta tensão é produtiva: a escuta ampliada reconhece o desamparo (Freud) sem render-se a ele, e sustenta a transformação (Freire) sem idealizá-la. O debate contemporâneo sobre os afetos políticos (Safatle) ilumina como o desamparo pode ser condição para novas formas de laço social, e não apenas paralisia. Nesse sentido, a escuta qualificada configura-se também como prática de resistência à lógica neoliberal que instrumentaliza o conhecimento e esvazia o vínculo educativo de sua dimensão ética.

Casos Práticos

A análise dos casos demonstrou a efetividade desta interface.

Caso 1 (Projeto "Vozes da Comunidade"): A substituição de uma aula tradicional por uma investigação baseada na escuta das histórias da comunidade (familiares, vizinhos) materializou os princípios freirianos de diálogo com o mundo e valorização do saber popular. Simultaneamente, a criação de um espaço seguro para a expressão e a elaboração coletiva das narrativas agiu de forma terapêutica, fortalecendo a identidade e o pertencimento dos alunos. A experiência ilustra o que Walter Benjamin denominou *o poder da narrativa: ao contar e recontar as histórias de seus territórios, os

alunos não apenas registraram saberes, mas reconstruíram suas próprias posições subjetivas. A escuta qualificada operou como reconhecimento: suas vozes, historicamente silenciadas, foram investidas de autoridade epistêmica. Este movimento articula a valorização freiriana do saber popular com a função terapêutica da palavra freudiana, em um processo de integração subjetiva e fortalecimento identitário.

Caso 2 (Roda de Conversa para Educadores): A instituição de um espaço de escuta não diretiva e horizontal para professores, inspirado na atenção flutuante, criou uma comunidade de apoio. Esse ambiente permitiu a elaboração dos afetos negativos (esgotamento, frustração) e a emergência criativa de soluções para desafios pedagógicos, ilustrando como a escuta é também cuidado necessário com o cuidador/educador, base para uma prática sustentável e transformadora. A experiência aproxima-se, em sua estrutura e função, dos grupos de reflexão inspirados na psicanálise e dos grupos Balint originalmente voltados a médicos. Tais dispositivos não têm finalidade terapêutica no sentido clínico, mas operam como espaços de elaboração compartilhada do sofrimento laboral. Um desafio crítico, contudo, persiste: como impedir que estas práticas se convertam em paliativos que naturalizam condições estruturais de precarização docente? A escuta do educador não pode substituir a escuta de suas reivindicações, sob pena de transformar cuidado em adaptação.

A discussão evidencia que a docência como escuta expandida integra o olhar para o mundo social (Freire) e para o mundo interno (Freud), recusando visões reducionistas do processo educativo. A escuta qualificada não é terceira via entre psicanálise e pedagogia, mas ponto de interseção que, mantendo a especificidade de cada campo, permite a construção de uma práxis pedagógica mais densa, ética e comprometida com a humanização.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o diálogo teórico entre Paulo Freire e Sigmund Freud, mediado pelo conceito-práxis da escuta qualificada, oferece um quadro robusto e urgente para repensar a educação em tempos de ruído e alienação. A escuta revela-se um verbo de dupla face: é ato político de libertação, ao criar condições para o diálogo verdadeiro e a conscientização; e é ato ético-terapêutico de reconhecimento, ao acolher a

singularidade, o inconsciente e o sofrimento do outro. A docência, quando assumida como essa prática ampliada de escuta, transcende a transmissão de conteúdos para se tornar um espaço de humanização mútua, onde a autonomia e a liberdade podem florescer tanto no plano individual quanto no coletivo. Escutar é como ensina Freire, compromisso amoroso com o mundo; é como ensina Freud, compromisso corajoso com a verdade do inconsciente. Este diálogo, ancorado em autores do século XX, não esgota os desafios do presente. Resta perguntar: como a escuta ampliada pode acolher as diferenças de raça, gênero e geração que atravessam os corpos na escola? Que contribuições oferecem pensadoras negras e decoloniais como bell hooks para pensar uma escuta antirracista, anticapacitista, feminista? A interface Freire-Freud não é ponto de chegada, mas ponto de partida. Se escutar é, como ensinam ambos, compromisso com a verdade do outro, importa perguntar: de quem temos escutado a verdade? E a quem temos ensinado a escutar? Condição indispensável para qualquer transformação significativa, a escuta qualificada permanece como tarefa ética, política e pedagógica inacabada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERNÁNDEZ, **Alicia. A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, **Paulo. Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Paulo Freire: uma história de vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREUD, Sigmund. **O Inconsciente (1915). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917). Conferências 27 e 28: A Transferência. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XVI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização (1930). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ISSN: 2358-8829

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **A saúde do professor: um olhar psicanalítico**. Curitiba: Juruá, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.